

ARTE COMO MARCAÇÃO DE TERRITÓRIO

O título *Territorial Pissings* é retirado do álbum *Nevermind* dos Nirvana, responsável por trazer o rock alternativo ao público dominante, posteriormente considerado pela crítica como um dos melhores álbuns de rock de sempre. Esta faixa incide no reflexo incontido de marcar o espaço que julgamos nosso, aplicável ao indivíduo ou literalmente ao espaço.

Esta exposição, sob o ponto de vista territorial, configura-se como uma unidade plural, complexa, no qual existem como elementos constituintes os trabalhos individuais de cada artista e o espaço físico que cada um ocupa - uma unidade na multiplicidade.

A marcação de território acontece pela apropriação do espaço como uma actividade específica e de identidade própria. O espaço aberto ou fechado, público ou privado, é definido pelo seu uso e pela actividade social desenvolvida - a necessidade do encontro e da existência do outro alheio ao "eu". De acordo com a actividade particular, a intimidade demarca os limites.

Todas estas relações, que envolvem usuário e meio, sejam elas culturais, antropológicas ou históricas, determinam a formação do espaço. Pode dizer-se que uma exposição de arte é hoje, simultaneamente, um espectáculo, um lugar político, arena para processos de acção socio-cultural, especulação, uma experiência englobante, bem como alegoria ou metáfora para a elucidação, criação e manutenção das dimensões do conhecimento.

A perversidade do título reflecte o conflito existente entre a demarcação de território e a partilha do mesmo. Ao fragmentar o espaço, a união deixa de existir e a partilha passa a ter lugar. Território refere-se a uma área delimitada. Marcar o território reporta à disputa da ideia de apropriação, logo do objecto de desejo. Em Junho do ano passado foi apresentada na Plataforma Revólver uma primeira exposição intitulada *Territorial Pissings* - o título é um manifesto para este grupo de artistas que investiga no território rizomático da arte contemporânea.

Patrícia Craveiro Lopes